



Diálogos

ISSN 2177-2940



Socialização histórico-política de jovens brasileiros: existe relação entre concepções de História e posicionamento político?¹

 <https://doi.org/10.4025/dialogos.v26i1.56642>

Luis Fernando Cerri

 <https://orcid.org/0000-0002-9650-0522>

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG): Ponta Grossa-PR, BR E-mail: lfchronos@yahoo.com.br

Emerson Urizzi Cervi

 <https://orcid.org/0000-0001-8073-014X>

Universidade Federal do Paraná (UFPR): Curitiba-PR, BR E-mail: ecervi7@gmail.com

Historical-political socialization of young Brazilians: is there a relationship between conceptions of history and political positioning?

Abstract: In this text, we propose a methodology for surveying and analyzing the political positions of high school students, adapted from the “politicalcompass.org” project. The question that mobilizes us is: are different social and political profiles associated with different visions of teaching history? We study the results from social and political variables, as well as variables related to the relationship with historical knowledge. Students with a democratic tendency tend to give positive value to the history, while the authoritarian profile associates history with a subject like any other, that does not add anything to their life.

Key words: historical culture, political culture, education, historical learning.

Socialización histórico-política de los jóvenes brasileños: ¿hay una relación entre las concepciones de la historia y el posicionamiento político?

Resumen: En este texto, proponemos una metodología para estudiar y analizar las posiciones políticas de los jóvenes estudiantes de secundaria, adaptada del proyecto “politicalcompass.org”. La pregunta que nos moviliza es: ¿se asocian diferentes perfiles sociales y políticos con diferentes visiones de la enseñanza de la historia? Estudiamos los resultados de las variables sociales y políticas, así como las variables relativas a la relación con el conocimiento histórico. Los resultados muestran que los estudiantes con tendencia democrática tienden a dar un valor positivo a la historia, mientras que el perfil autoritario asocia la enseñanza de la historia con una asignatura como cualquier otra, que no añade nada a sus vidas.

Palabras clave: cultura histórica, cultura política, educación, aprendizaje histórico.

Socialização histórico-política de jovens brasileiros: existe relação entre concepções de História e posicionamento político?

Resumo: Neste texto, propomos uma metodologia para levantamento e análise das posições políticas de jovens estudantes do ensino médio, adaptada do projeto “politicalcompass.org”. A questão que nos mobiliza é: diferentes perfis sociais e políticos estão associados a visões distintas do ensino de História? Estudamos os resultados a partir de variáveis sociais e políticas, bem como variáveis referentes à relação com o conhecimento histórico. Os resultados mostram que alunos com tendência democrata tendem a dar valor positivo para a História, enquanto o perfil autoritário associa o ensino de História a uma matéria como qualquer outra, que não acrescenta nada à sua vida.

Palavras-chave: cultura histórica, cultura política, educação, aprendizagem histórica.

1 O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil (Processo 428141/2018-8)". Luis Fernando Cerri é bolsista do CNPq (processo n. 306190/2019-2).

Recebido em: 13/11/2020

Aprovado em: 23/08/2021

As pessoas têm conhecimentos e posicionamentos diferentes quanto à história e quanto à política, e essas diferenças são influenciadas por variáveis como classe social, faixa etária, pertencimento religioso, região do país e assim por diante. Existem visões dominantes sobre o que é a história do país e sobre o que é e o que deveria ser o seu sistema político. A chegada de novas gerações à participação social, econômica e política ativa pressupõe um processo de aquisição de conhecimentos e valores por meio dos quais o indivíduo deve ser capaz de entender e interagir minimamente com os sistemas que regulam essa participação (político, cultural, educacional, econômico). Se tratamos por socialização os processos intencionais e não-intencionais, privados e públicos, escolares e não-escolares, formais e não-formais de inserção do indivíduo nas esferas da vida adulta, chamaremos de socialização histórico-política os processos pelos quais se produzem e reproduzem socialmente os conhecimentos e concepções usados pelos indivíduos nos processos que articulam a identidade em função do tempo e a produção de decisões pessoais quanto ao âmbito da política.

Como qualquer processo de socialização, a socialização histórico-política é disputada por diferentes forças sociais e, embora a resultante destas forças se expresse no trabalho de socialização promovido pelo Estado e suas agências educacionais e culturais, diversos agentes privados seguirão disputando a influência sobre ele. Disso decorre que se trata de um processo com múltiplos centros ou focos de interferência, e de um processo contínuo, que não se encerra com a chegada dos sujeitos à idade adulta. Pelo contrário, sobretudo em tempos de crise, não só as ideias e posições políticas são continuamente disputadas quanto o próprio passado se coloca como campo a ser conquistado, juntamente com a própria concepção de tempo, envolvendo o presente e as expectativas e prospecções do futuro. É nítida a relação entre a disputa política e a disputa pelas concepções de história que embasarão os argumentos das propostas e críticas envolvidas.

Os estudos dos processos de socialização histórico-política podem ser feitos a partir dos seus resultados nas concepções das pessoas que estão passando ou já passaram pelo sistema educativo, coletando elementos de suas concepções, opiniões e conhecimentos.

Nosso objetivo é testar como os jovens brasileiros que estão cursando o ensino médio se distribuem em termos de posição ideológica. A pergunta que move a pesquisa é: existe alguma característica explicativa para o posicionamento ideológico dos jovens que responderam aos questionários? Para tanto, a partir daqui o texto está dividido em três partes. Na próxima, apresentamos os conceitos centrais de cultura política e posicionamento ideológico aplicado à juventude. Em seguida discutimos os resultados da pesquisa empírica, relacionamos posição

política e cultura histórica e, por fim, expomos as notas conclusivas.

Estudos sobre cultura política e cultura histórica

O estudo clássico sobre a cultura política desenvolvido nos anos 1960 por Almond e Verba (1989), por exemplo, utilizou entrevistas com pessoas comuns em grande quantidade (cerca de um milhão por país), aproximando os métodos qualitativos e quantitativos. Foram feitas perguntas sobre suas visões de governo e vida política, buscando as conexões entre macro e micropolítica, ou seja, os modos cotidianos pelos quais o sistema é visto e as repercussões da política na vida pessoal são vivenciadas. Portanto, além de perguntar sobre conhecimento, confiança, afeição e expectativas quanto ao sistema como um todo e seus componentes específicos (agentes partidários, órgãos governamentais como escolas, polícia etc.), também se questionou sobre o quanto o partidário afetava as relações interpessoais, como eram vistos impostos e outras obrigações frente ao governo, eleições e assim por diante. Por desenvolver o levantamento em cinco países (Estados Unidos, México, Alemanha, Itália e Inglaterra), o estudo também teve características comparativas interculturais e buscou ensaiar uma teoria embasada sobre a democracia e a forma de cultura política a ela associada, denominada pelos autores de *cultura cívica*.

No campo da *cultura histórica*, herdeiro de vários projetos anteriores (BAROM, 2016), apresentamos neste trabalho o “Projeto Residente: observatório das relações entre os jovens, a história e a política na América Latina”, cujos dados serão utilizados nas análises a seguir. Esta pesquisa é baseada em um questionário de múltipla escolha² para coleta de dados estatísticos sobre opiniões e conhecimentos de estudantes de 15 e 16 anos de 9 países da América Latina. Inspira-se no projeto europeu “Youth and History”, que ocorreu em meados dos anos 1990, que por sua vez decorreu de várias investigações interculturais anteriores, com foco específico nas questões sobre o ensino, aprendizagem e posicionamentos quanto à História e concepções políticas, conforme descrito por Borries (2010). O questionário foi sendo sucessivamente adaptado à realidade regional, tanto em termos linguísticos quanto em termos de questões com mais sentido e relevância para a realidade da América Latina, ao longo das três edições do projeto: Os jovens diante da História (2007-2010), Os jovens e a História no Mercosul (2011-2016) e atualmente Projeto Residente (2017 em diante). O esforço coletivo da equipe para a adaptação cultural e de linguagem do questionário para os contextos dos países participantes implicou um esforço para modificar as perguntas do questionário anterior para atender aos interesses de investigação da equipe e para possibilitar sua compreensão por professores e estudantes da América do Sul. Nesse sentido, algumas questões que

2 Exceto por uma questão em que se pede que o estudante escreva cinco nomes da história de seu país por ordem de importância.

faziam sentido apenas para o caso europeu foram eliminadas, enquanto outras foram criadas envolvendo os seguintes temas: ditaduras militares, heróis nacionais, questões de gênero e integração dos países sul-americanos. Destaque-se que os instrumentos atuais são a terceira versão desde o questionário original utilizado em português de Portugal. A incorporação e adaptação de algumas questões do projeto Bússola Política³ ampliou e modificou profundamente as questões sobre a cultura política. Por isso, trata-se, hoje, de um instrumento já bastante diferente em relação ao do projeto europeu.

Para estruturar cada tema perguntado aos estudantes, na maior parte dos casos foram estabelecidas uma série de afirmações que foram respondidas na escala do nível de concordância com cada uma delas. Portanto, em uma escala de valoração do tipo “Likert”, que ia de “discordo totalmente” a “concordo totalmente”, o estudante escolheu a alternativa que representava seu posicionamento quanto a cada afirmação, e na tabulação dos dados, a resposta “discordo totalmente” (ou seus equivalentes: nunca, muito pouco, não confio etc.) foi representada como “-2”, discordo como “-1” e assim sucessivamente até “2” para concordo totalmente.

O grupo de respondentes com o qual a qual trabalharemos neste artigo refere-se apenas ao Brasil, onde foram respondidos 3.790 questionários. Trata-se de uma amostra não representativa, que foi coletada entre abril e setembro de 2019, por meio da colaboração voluntária dos pesquisadores participantes, conforme a tabela 1.

Tabela 1 – Estratificação por Região e Estado do Projeto Residente

Região	Estado	Frequência	% total	% válido
Sudeste	São Paulo	141	3,7	4,1
	Minas Gerais	258	6,8	7,5
	Rio de Janeiro	249	6,6	7,3
Nordeste	Bahia	1342	35,4	39,2
Centro-Oeste	Goiás	103	2,7	3,0
Sul	Paraná	1111	29,3	32,4
	Santa Catarina	127	3,4	3,7
	Rio Grande do Sul	94	2,5	2,7
TOTAL VÁLIDO		3425	98,1	100,0
Informação ausente		72	1,9	
TOTAL GERAL		3790	100,0	

Fonte: Dados do Projeto Residente organizados pelos autores, 2019

³ <http://www.politicalcompass.org>. O site é uma iniciativa on-line que não fornece informações sobre as pessoas e organizações que a gerenciam. Algumas fontes indicam que se trata de uma iniciativa ligada à organização não-governamental britânica *One World Action*, a partir do trabalho do jornalista Wayne Brittenden. Esta informação deve vir antes, quando é referenciado o site pela primeira vez.

O debate sobre a caracterização do posicionamento político-ideológico é tradicional e segue ativo nas Ciências Humanas e Sociais. Diversas obras indicam a insuficiência do parâmetro clássico de organizar as posições políticas de modo unidimensional a partir de dois polos opostos, direita e esquerda (ver, por exemplo, BOBBIO, 1995). As limitações são tão mais expressivas quanto mais se leva em consideração a pós-modernidade e a fragmentação das identidades, a solução, contudo, não passa pela simplificação escapista de afirmar que direita e esquerda não existiriam mais, principalmente considerando o contexto do Ocidente nos últimos dez anos, marcado por uma ascensão avassaladora das direitas em grande parte dos países.

Desde os anos 1960, diferentes iniciativas acadêmicas procuraram oferecer alternativas mais complexas e sofisticadas para a classificação das posições políticas dos indivíduos. Em comum tendem a agregar uma nova dimensão e ao mesmo tempo desagregar as variáveis componentes da classificação, com o que se vai da reta esquerda - direita para um plano que articula outros fatores. Brian Mitchell, por exemplo, ao abordar introdutoriamente as alternativas de classificação das ideias políticas em esquemas bidimensionais, localiza, na origem delas, o trabalho do psicólogo Hans Eysenck, paralelo aos estudos de Theodor Adorno sobre a personalidade autoritária (MITCHELL, 2007, p. 4). Em ambos, o problema do autoritarismo se coloca, e enquanto Eysenck enfatiza o autoritarismo de esquerda, Adorno e colaboradores diagnosticam a direita como autoritária. Para cada definição do espectro político, temos a marca dos seus proponentes, com sua visão de mundo e o contexto político geral em que vive.

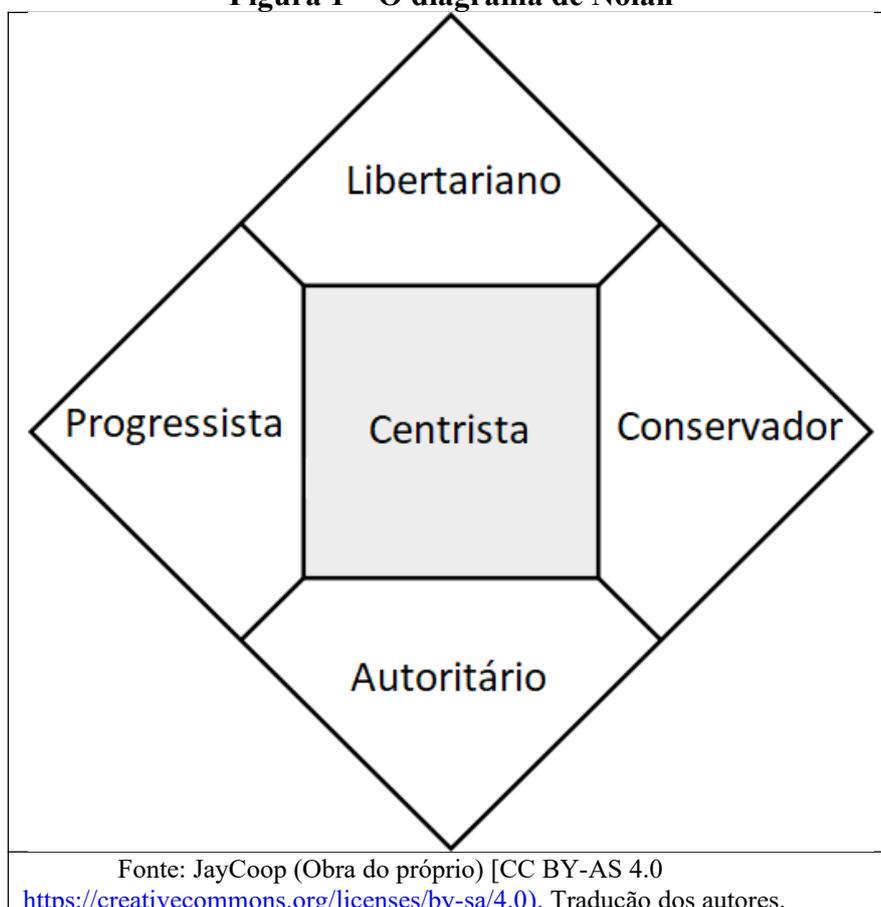
Um dos planos bidimensionais mais antigos de classificação ficou conhecido pelo nome do seu principal divulgador: o diagrama de Nolan (Figura 1), fundador do Partido Libertário nos Estados Unidos. O diagrama ou gráfico de Nolan está organizado em torno do eixo autoritarismo e liberdade em cruzamento com diversos aspectos pessoais e sociais. O vértice inferior do losango que forma o diagrama é representado por zero em termos de liberdade pessoal e liberdade econômica, demarcando o quadrante conservador. Liberdade econômica em detrimento da individual constitui o quadrante conservador, enquanto controle sobre a economia e a liberdade pessoal definem o quadrante liberal (note-se aqui o viés norte-americano da denominação). Por fim, o controle tanto sobre a liberdade econômica quanto a pessoal define o quadrante autoritário e a defesa de nenhum controle em ambas as esferas definiria o libertarianismo⁴, programa político de Nolan. Essa coincidência confirma a historicidade de qualquer modelo de classificação do espectro político. Identificar o interesse subjacente e a historicidade do diagrama de Nolan é uma oportunidade importante para destacar que nem os próprios esquemas para ordenar e classificar os

4 O cientista político Luis Felipe Miguel identifica na influência do libertarianismo um dos fatores da ascensão da direita brasileira após 2013 (MIGUEL, 2018).

partidos (ou posicionamentos) políticos podem ser concebidos de forma totalmente neutra e/ou isenta das marcas históricas dos seus respectivos contextos.

O sentido do termo “libertário” para esse diagrama é diferente do que consideraremos adiante como um posicionamento libertário, que significará para nós apenas o polo oposto ao polo autoritário. Poderíamos usar para isso simplesmente o termo “democrático”, mas ele não reflete o grau de individualismo/ empoderamento do indivíduo que se reflete em “libertário” como polo extremo. Certamente o posicionamento democrático está entre o centro e o polo libertário, mas é diferente deste.

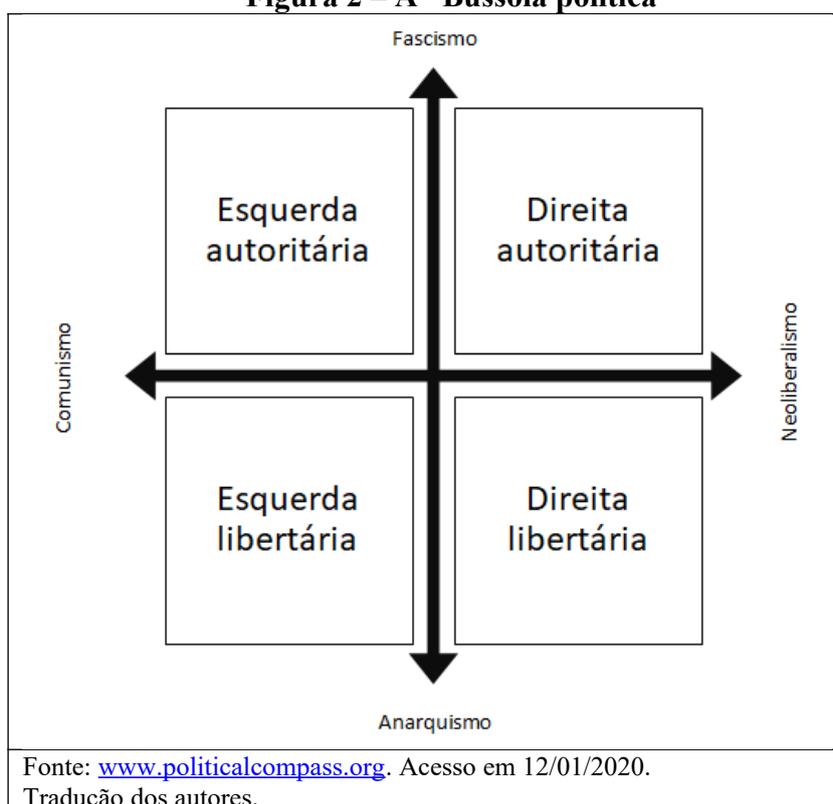
Figura 1 – O diagrama de Nolan



O site bússola política fornece um teste e um modelo de identificação da ideologia política do usuário que procura conciliar o esquema de Eysenck com a perspectiva de Adorno: a diferença entre esquerda e direita nesse esquema é dada por uma escala de opiniões sobre como a economia deve ser gerida, que forma o eixo X do plano cartesiano, enquanto o eixo y é o eixo da dimensão política no sentido social, sobre o quanto de liberdade individual deve ser permitida (Figura 2). No eixo X, a esquerda significa a vontade de que a economia seja gerida por uma agência econômica

cooperativa e coletiva que pode ou não ser o Estado (pode ser, por exemplo, uma rede de comunidades autônomas). Economicamente, direita no esquema abaixo é a vontade que a economia seja deixada aos recursos dos indivíduos e organizações privadas competindo entre si. No eixo Y, a posição libertária é definida como a crença de que a liberdade pessoal deve ser a maior possível, enquanto o autoritarismo é definido como a crença de que a autoridade externa ao indivíduo deve se obedecida.

Figura 2 – A “Bússola política”



Escolhemos a bússola política porque ela é concebida para classificar o posicionamento político das pessoas a partir de um método quantitativo. Considerando que o Projeto Residente coletou dados entre jovens de 15 a 16 anos, preferencialmente, e que o instrumento de coleta de dados conteve muitas outras questões destinadas a outros objetivos de pesquisa (ensino e aprendizagem de história, sobretudo), foram utilizadas apenas algumas das perguntas da bússola política, que foram as seguintes:

Afirmações do eixo X:

- Se a globalização econômica é inevitável, ela deve servir em primeiro lugar à humanidade, em vez de servir às empresas e bancos. (multiplicado por -1)
- Quanto mais livre é o mercado, mais livres são as pessoas.
- Controlar a inflação é mais importante do que controlar o desemprego. (multiplicado por -1)

- Já que as corporações não podem proteger o meio ambiente por iniciativa própria, é necessária uma regulação. (multiplicado por -1)
- Tirar de cada qual segundo sua capacidade, e dar a cada qual segundo suas necessidades é, fundamentalmente, uma boa ideia. (multiplicado por -1)
- A terra não deveria ser uma mercadoria para ser comprada e vendida. (multiplicado por -1)
- É lamentável que tantas fortunas pessoais sejam acumuladas por pessoas que simplesmente manipulam dinheiro e não contribuem em nada para a sociedade. (multiplicado por -1)
- O protecionismo às vezes é necessário no comércio. (multiplicado por -1)
- A única responsabilidade social de uma empresa deveria ser oferecer lucro para seus acionistas.
- Os ricos pagam muitos impostos.
- Aqueles que podem pagar mais devem ter o direito de receber tratamento médico melhor.
- O governo deveria penalizar as empresas que enganam os consumidores. (multiplicado por -1)
- O verdadeiro livre mercado requer restrições à habilidade das multinacionais predadoras em criar monopólios. (multiplicado por -1)
- O que é bom para a maior parte das corporações bem-sucedidas é sempre, em última instância, bom para todos nós.
- Aqueles que são capazes de trabalhar, mas recusam a oportunidade, não devem esperar o apoio da sociedade. (multiplicado por -1)
- Os contribuintes não devem sustentar teatros ou museus que não conseguiriam se manter em uma base comercial.
- Nenhum meio de comunicação deve receber financiamento público.

Afirmações do eixo Y:

- Eu sempre apoiaria o meu país, não importa se estivesse certo ou errado.
- Ninguém escolheu nascer em seu país, portanto, é tolice ter orgulho disso. (multiplicado por -1)
- Toda a autoridade deve ser questionada. (multiplicado por -1)
- Olho por olho e dente por dente.
- Nas escolas, a frequência às aulas não deveria ser obrigatória (multiplicado por -1)
- A primeira função da educação escolar deve ser preparar a próxima geração para conseguir empregos.
- Não existem pessoas selvagens e pessoas civilizadas; existem apenas culturas diferentes (multiplicado por -1)
- A pena de morte deveria existir para a maioria dos crimes hediondos.
- É perda de tempo tentar reabilitar certos criminosos.
- Embora a era eletrônica tenha tornado a vigilância mais fácil, apenas malfeitores precisam ficar preocupados.
- As mães podem ter carreiras profissionais, mas seu principal dever é o de ser donas de casa.
- É impossível ser moral sem ser religioso.
- É importante que a escola de meu filho transmita valores religiosos.
- Um casal do mesmo sexo em uma relação amorosa estável não deveria ser excluído da possibilidade de adotar uma criança. (multiplicado por -1)
- Ninguém pode se sentir naturalmente homossexual.

- O aborto, nos casos em que a vida da mulher não está ameaçada, deve ser sempre ilegal.
- A posse de maconha para uso pessoal não deve ser considerada um crime. (multiplicado por -1)

Análise e discussão dos resultados

As respostas foram recebidas dentro da escala de Likert, e convertidas em uma escala numérica (discordo totalmente = -2, discordo = -1, concordo = 1 e concordo totalmente = 2). A expressão numérica das respostas precisou ser alinhada com a escala escolhida, ou seja, números positivos sempre devem expressar direita econômica (eixo x) ou autoritarismo (eixo y), e por isso afirmações que vão contra essa lógica, por exemplo, em que uma resposta positiva significa uma posição economicamente de esquerda ou, politicamente, maior liberdade individual/ democrática, tiveram todas as respostas multiplicadas por -1.

As respostas de cada sujeito levaram a dois números que permitiram colocar cada caso em uma coordenada x/y no gráfico. Para chegar a estes dois números que representam o posicionamento político de cada estudante, foram somadas todas as respostas de cada participante e divididas pelo número de repostas em cada eixo, para manter o índice dentro da escala das respostas. Por exemplo, alguém que respondesse negativamente a todas as afirmações do eixo X e do eixo Y, teria sua opinião traduzida em um número que ficaria no extremo inferior esquerdo do gráfico, no quadrante de esquerda libertária. No momento em que é calculado o número do eixo de cada indivíduo, se não houver resposta a qualquer uma das 32 perguntas, o caso fica não-válido. Numa primeira tentativa, foram detectados 1492 casos ausentes, ou seja, 39,4% dos sujeitos não responderam a uma ou mais das questões da bússola política, invalidando a geração dos seus índices. Foram tomadas medidas para ampliação os dados considerados válidos e viabilizar sua utilização⁵, com o que restaram então apenas 157 casos não-válidos, ou seja, que não responderam a nenhuma das questões que compõem o índice. Desse processo resultaram 8 posições possíveis, quatro para os casos localizados em cada um dos quadrantes e quatro para cada um dos braços da

5 Duas medidas foram tomadas para melhorar a proporção de casos válidos. Em primeiro lugar, verificou-se quais questões foram as menos respondidas do conjunto acima: a referente à posse e uso de maconha e à adoção de crianças por casais homossexuais. Esse dado é significativo, pois indica temas sobre os quais uma grande parcela dos jovens prefere não se pronunciar, ou por não terem opinião, ou por preferirem não a informar. Ainda que esse fato mereça um estudo à parte, foi aplicado o Alfa de Cronbach para medir a confiabilidade do índice (eixo Y) caso essas variáveis fossem retiradas, e o resultado indicou uma boa confiabilidade sem elas. Assim, para os dados deste texto, elas foram retiradas do índice. A segunda providência foi converter para zero os espaços deixados em branco. Desse modo, passaram a entrar no cálculo todos os casos, com a desvantagem de que a precisão diminuiu, pois foram incorporados casos que não responderam a todas as perguntas. Nesse caso, a ausência de resposta quanto a uma ou outra afirmação a avaliar foi tratada como neutralidade, uma vez que o zero não interfere no índice. Por fim foram eliminados casos em que o sujeito deixou em branco todas as questões dessa parte, ou seja, em que o índice zero não significou neutralidade, mas sim a recusa em responder.

cruz formada pelos eixos (ou seja, uma das médias componentes do índice igual a zero). A distribuição das frequências, excluídos os casos de estudantes da Educação de Jovens e Adultos (por terem idade maior), pode ser verificada na Tabela 2. Ao projetar estes índices em um gráfico de dispersão, em que cada ponto se localiza pelas coordenadas de suas respectivas médias das respostas para o eixo X e o eixo Y, temos o resultado na Figura 3.

Tabela 2 – Posição política dos jovens brasileiros que responderam*

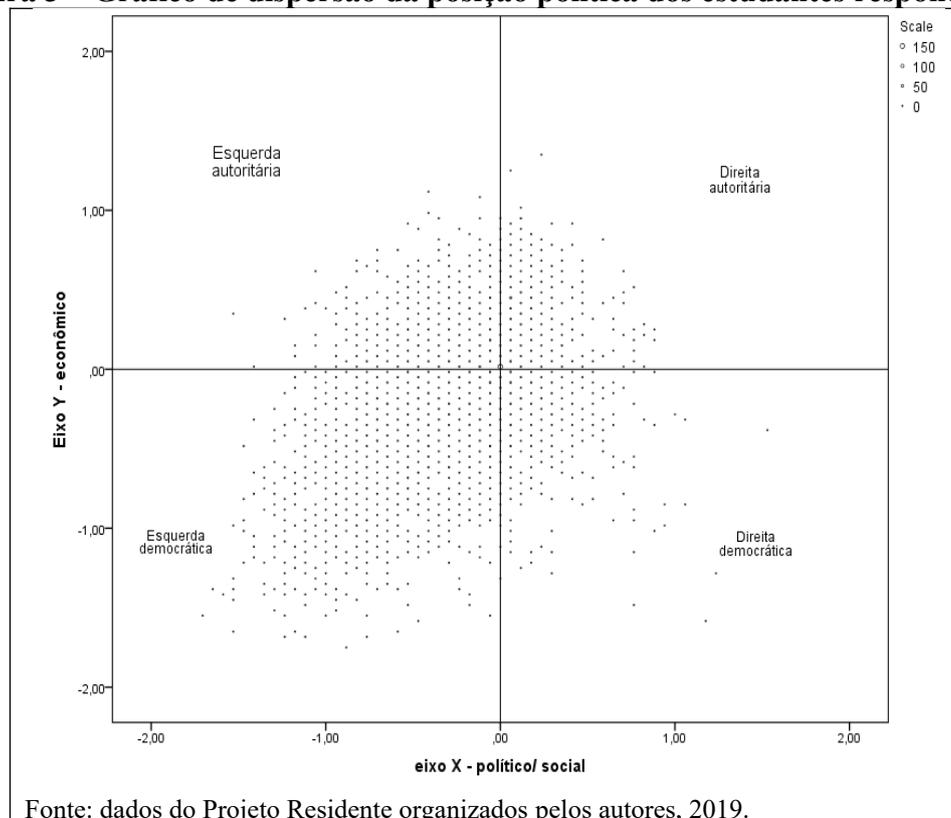
Posição política	N	%	% válido
Economicamente neutra e politicamente autoritária	85	2,3	2,4
Direita autoritária	426	11,6	12,1
Economicamente direita e politicamente neutra	59	1,6	1,7
Direita democrática	384	10,5	10,9
Economicamente neutra e politicamente democrática	101	2,8	2,9
Esquerda democrática	1.716	46,8	48,8
Economicamente esquerda e politicamente neutra	135	3,7	3,8
Esquerda autoritária	614	16,7	17,4
Total	3.520	96,0	100,0
Casos não-válidos	148	4,0	
Total Geral	3.668	100,0	

Fonte: dados do Projeto Residente organizados pelos autores, 2019.

* excluídos os casos de estudantes da Educação de Jovens e Adultos.

Deve-se notar que o resultado na Tabela 2 e na Figura 3 não é o autorreconhecimento dos sujeitos sobre suas posições político-ideológicas, mas a alocação das médias de suas respostas dentro de um gráfico cujas posições são pré-determinadas. Por isso, foram considerados os zeros que definem os eixos como valores absolutos estabelecidos pelo conjunto das perguntas do questionário, e não valores relativos que considerassem a distribuição dos casos um em relação ao outro. Dizendo de outro modo, não se trata de estabelecer direita, esquerda, autoritário e democrático para as posições dos sujeitos um em relação ao outro, mas em relação à média das respostas e a relação delas com os eixos. Assim, será possível comparar esta amostra com outras amostras ou com subamostras utilizando o mesmo método.

Figura 3 – Gráfico de dispersão da posição política dos estudantes respondentes



Cultura política é definida como “os valores e crenças partilhados por um grupo ou sociedade relativos aos relacionamentos políticos e políticas públicas [que] respondem à questão de quem tem que fazer o que com quem e para quem sob que circunstâncias” (SWEDLOW, 2012, p. 624), enquanto a cultura histórica significa o conjunto de padrões pelos quais uma sociedade se relaciona com sua própria identidade no tempo, ou seja, que elementos destaca e significa de seu passado e quais expectativas define para seu futuro, de modo a agir/sofrer no presente (RÜSEN, 2007, p. 121).

Os dados da seção anterior permitem identificar posturas tendencialmente paroquiais ou de sujeição, bem como participativas, no campo da cultura política. No que tange à cultura histórica consideraremos um aspecto bastante geral e fundante, que é a valorização ou não da história como conhecimento interessante e útil para a vida, utilizando os dados da questão 1 do instrumento de pesquisa do Projeto Residente.

Até aqui, apresentamos os resultados das variáveis desagregadas e dos índices para medir o posicionamento ideológico (esquerda - direita), maior ou menor disposição para os princípios democráticos e posicionamento em relação às ideologias econômicas (liberal - socialista⁶). A partir

6 Esta oposição indica tão somente a crença na predominância do individual sobre o coletivo (ou da realização individual como critério para a realização coletiva) contra a crença na predominância do coletivo sobre o individual (ou

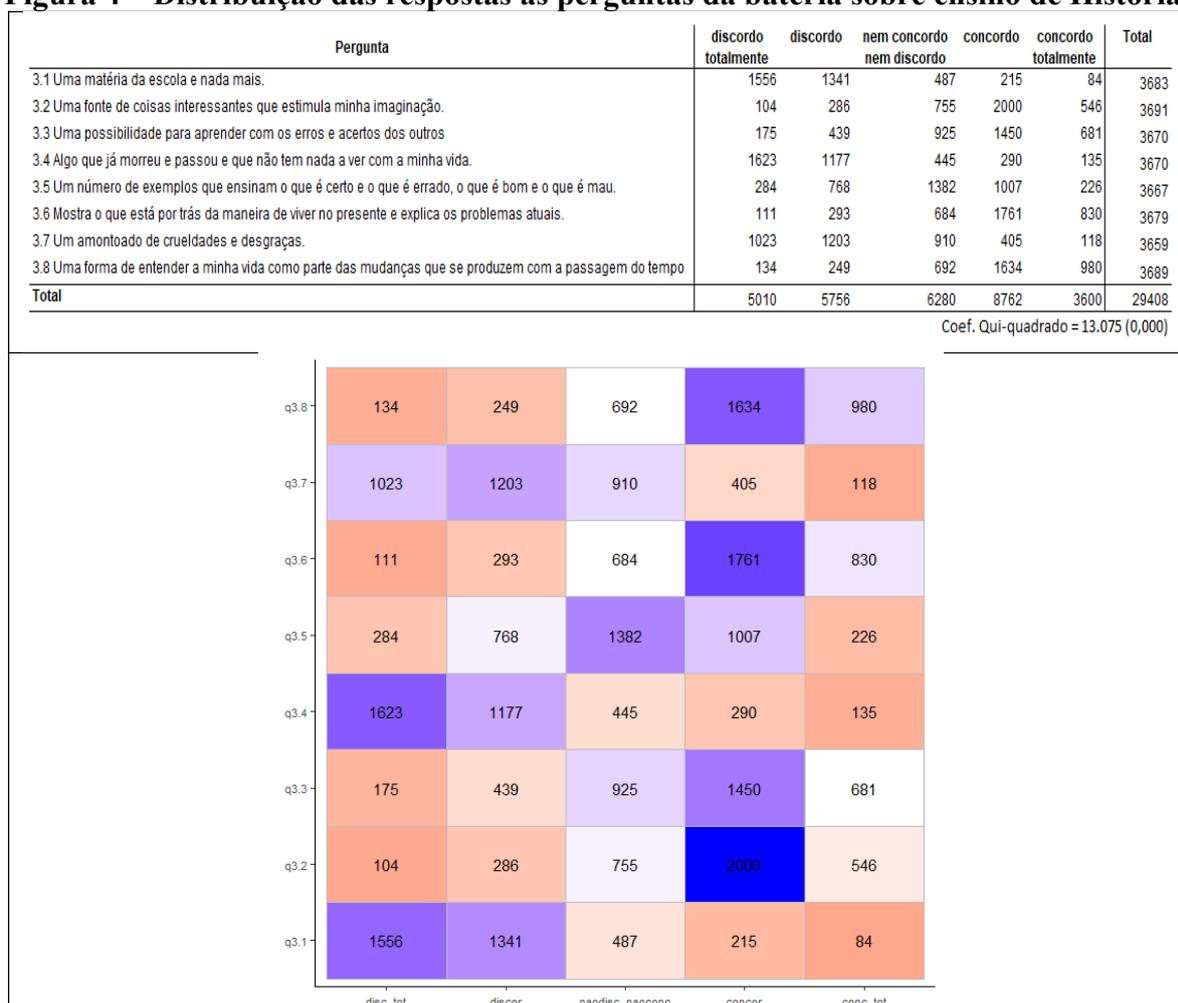
do próximo tópico os índices “disposição para democracia” e “ideologia econômica” serão utilizados em cruzamentos com a bateria de perguntas sobre o ensino de História. Primeiro são apresentadas as distribuições das respostas para cada pergunta da bateria sobre ensino de História e dos índices de ideologia econômica e de disposição para democracia. Em seguida as variáveis são cruzadas em tabelas de contingência com produção de resíduos padronizados. Com isso, será possível não apenas identificar as distribuições das respostas sobre ensino de História, como também a relação entre essa distribuição, a disposição para a democracia e a ideologia econômica.

Como e quem avalia o ensino de História

A figura 4 abaixo sumariza a escala de respostas às oito perguntas da bateria sobre o ensino de História. Os alunos respondiam entre discordo totalmente até concordo totalmente, em uma escala de cinco pontos para cada uma das questões. De maneira geral, as perguntas intercalam afirmações positivas e negativas sobre o ensino de História. Além da matriz de respostas, a figura mostra a distribuição dos valores em termos comparativos. Para uma análise prévia da distribuição das respostas, utilizamos o coeficiente de diferença de médias qui-quadrado de Pearson, que é um teste de hipóteses que permite estudar a distribuição das frequências a partir de uma amostra, especificando a diferença entre a distribuição esperada (por exemplo, se há 50% de representantes de cada sexo, o esperado é a distribuição em duas metades quase iguais) e a distribuição efetivamente observada. O qui-quadrado permite estudar as diferenças de distribuição significativas, quer dizer, variações que não se devem a aspectos aleatórios, mas que indicam que a variável (por exemplo, sexo), é relevante para explicar a distribuição verificada. No caso, o qui-quadrado de Pearson é de 13.075 (0,000), indicando que as distribuições observadas não são aleatórias. Proporcionalmente as cores da matriz de dados mostram as concentrações de respostas (azul) e as ausências (vermelho).

da realização coletiva como condição para a realização individual. É necessário ter claro que diversas experiências históricas muito distintas entre si são associadas a estas palavras, resultando em juízos de valor prévios. Entretanto neste texto destacamos que não nos referimos a nenhuma experiência histórica concreta associada aos termos, mas às suas definições gerais, somente.

Figura 4 – Distribuição das respostas às perguntas da bateria sobre ensino de História*



* A tendência ao azul indica maior concentração de respostas e a tendência ao vermelho indica menor concentração de respostas.

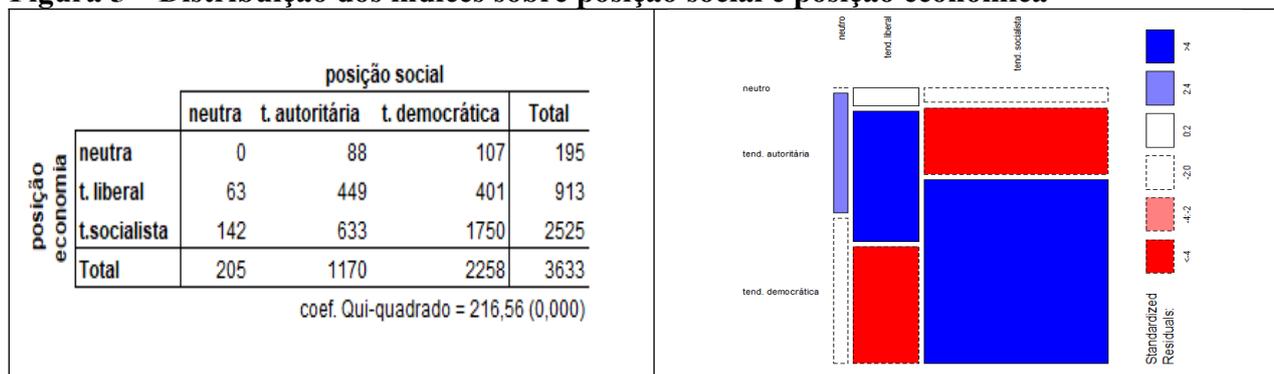
Fonte: dados do Projeto Residente organizados pelos autores, 2019.

A matriz acima indica a distribuição proporcional das respostas ao conjunto de perguntas. “Discordo totalmente” e “discordo” estão mais presentes nas questões q3.1, q3.4 e q3.7. Já para as respostas “concordo” e “concordo totalmente” as maiores concentrações de respostas encontram-se em q3.2, q3.3, q3.5, q3.6 e q3.8. Perceba-se que, de maneira geral, a concentração de concordâncias encontra-se com as questões positivas sobre o ensino de História e as discordâncias estão em questões negativas sobre o ensino de História. Isso indica que a valorização do conhecimento histórico e da disciplina escolar de História, ao menos no campo do discurso, são uma característica predominante nos casos analisados. O que pretendemos analisar em seguida é a variação da intensidade desta valorização conforme o posicionamento político.

Na figura 5 a seguir estão os cruzamentos e os resíduos padronizados (ou seja, as diferenças entre as respostas estimadas e as respostas observadas) para as categorias do índice de posição social (tendência autoritária, tendência democrática e neutra) e posição na economia (tendência

liberal, tendência socialista e neutra) Percebe-se que do total de respostas válidas para posição econômica, 2.525 apresentam tendência socialista, 69,5% do total. Na posição social, aproximadamente a mesma proporção, 61,5%, apresenta tendência democrática. O coeficiente de qui-quadrado em 216,56 indica que a distribuição dos casos não apresenta independência estatística.

Figura 5 – Distribuição dos índices sobre posição social e posição econômica



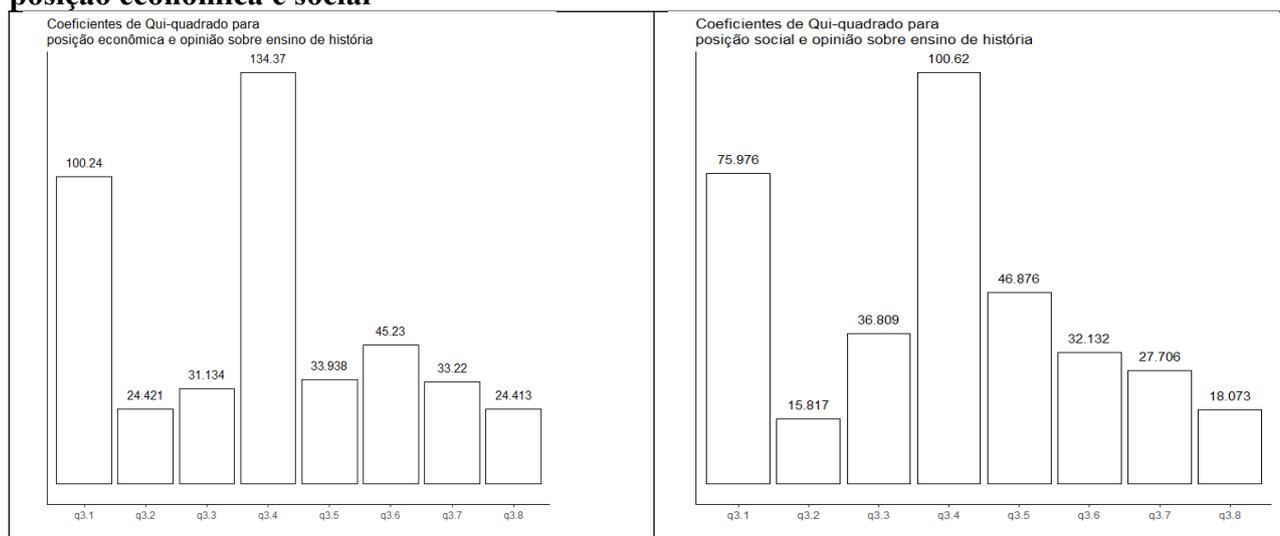
Fonte: dados do Projeto Residente organizados pelos autores, 2019.

O gráfico de mosaico acima faz o cruzamento das categorias dos dois índices e apresenta duas informações principais. A primeira diz respeito à participação de respostas de cada par de categorias. Quanto mais larga for a coluna, maior o número de casos naquele par de categorias. No caso acima, a maior “casa” fica entre “tendência democrática” e “tendência socialista”; conforme a tabela, são 1.750 respondentes, o que representa mais da metade do total. A segunda informação do mosaico é dada pelas cores. Elas representam os intervalos de significância estatística (ou seja, intervalos em que sabemos que é improvável que os resultados obtidos decorram do acaso) dos resíduos padronizados. As casas em branco são as que apresentam intervalos de -2,0 a +2,0 de resíduos padronizados, que não são considerados estatisticamente significativos. Ou seja, nesses pares não há concentração ou ausência de casos que estejam em magnitude de significância estatística. Quando há concentração de casos, ou seja, mais casos na casa do que o esperado pela distribuição normal, a cor é azul clara, se o valor fica entre +2,0 e +4,0. E se houve uma concentração ainda maior de casos, a cor é azul escuro, se acima de +4,0. O mesmo acontece para a ausência de casos, indicada por vermelho claro e vermelho escuro para maior significância estatística.

No caso das duas variáveis acima, percebe-se que há uma concentração de casos em “tendência democrática” com “tendência socialista” e entre “tendência autoritária” e “tendência liberal” – com cor azul escura. Há menos casos que relacionem “tendência democrática” com “tendência liberal” e “tendência autoritária” com “tendência socialista” – vermelho escuro. A seguir serão apresentados gráficos de mosaico para o cruzamento entre cada uma das questões sobre

ensino de História e os índices econômico e social. Antes disso, a Figura 6 abaixo mostra os coeficientes de diferença de médias qui-quadrado para cada um dos índices por questão da bateria de perguntas sobre ensino de História. Nos dois casos a q.3.4 é a que apresenta os maiores coeficientes para os dois índices. Além disso, todos os coeficientes ficam acima do limite crítico da significância estatística.

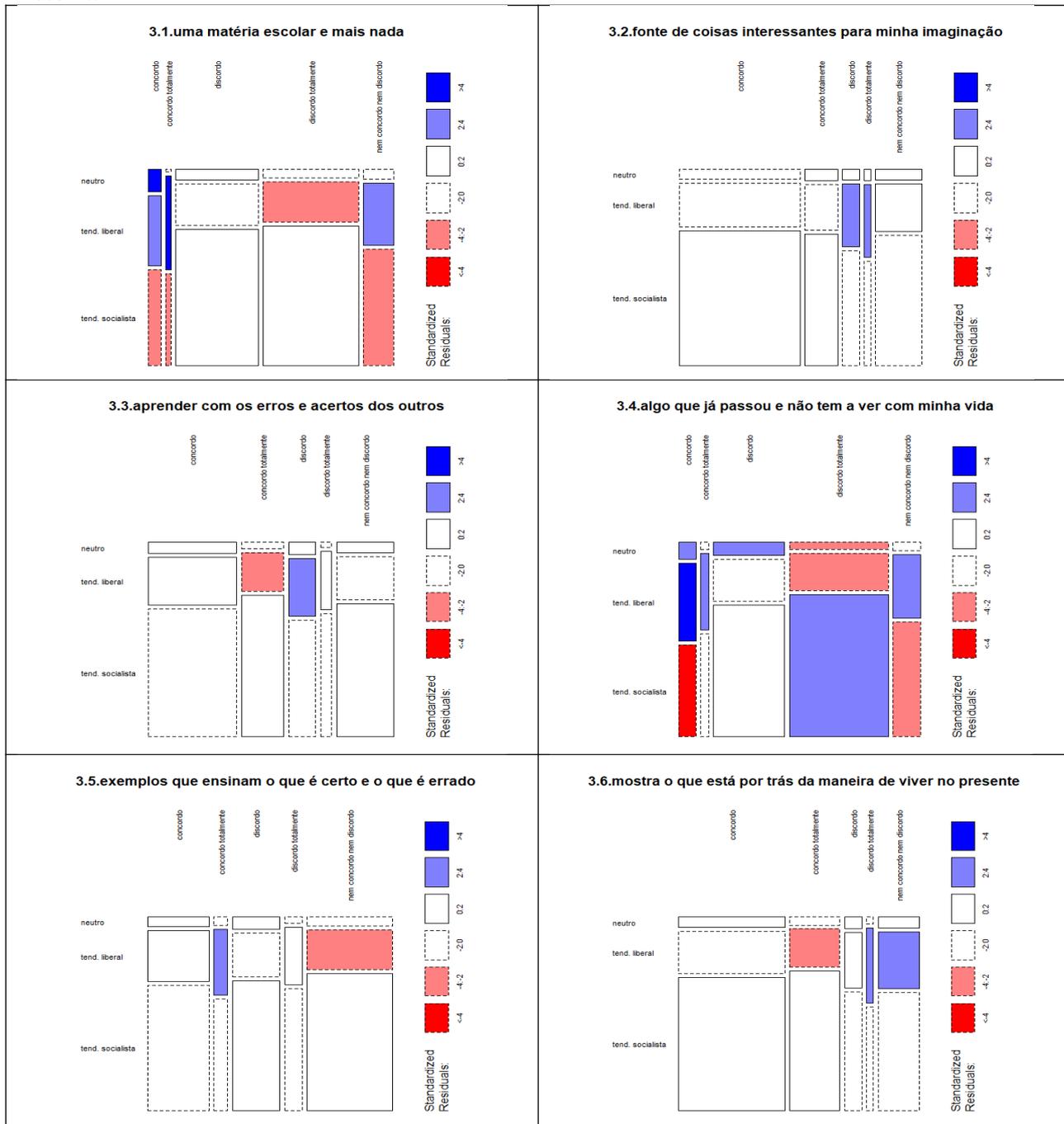
Figura 6 – Coeficientes qui-quadrado para questões sobre ensino de História e índices de posição econômica e social

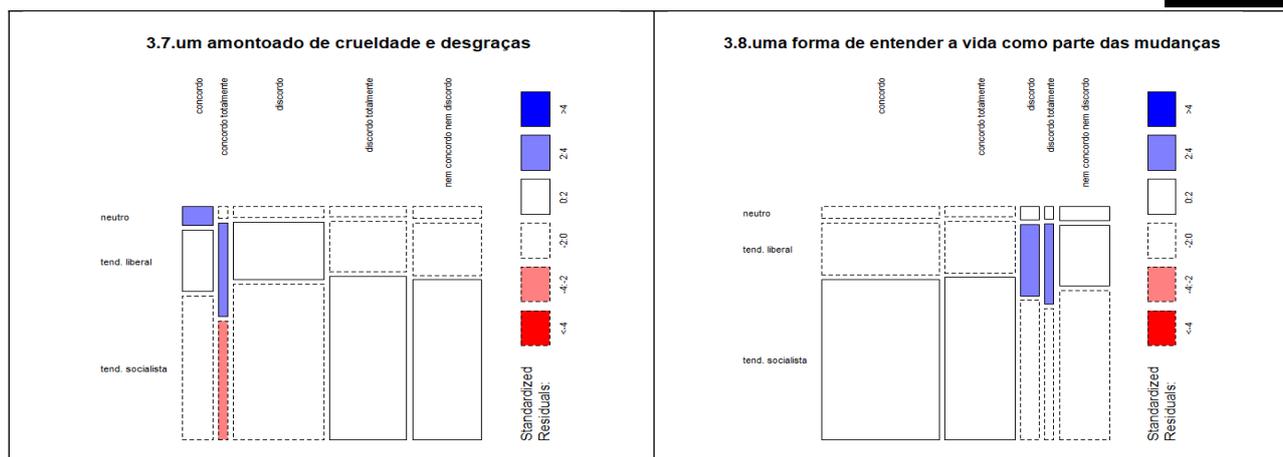


Fonte: dados do Projeto Residente organizados pelos autores, 2019.

Com os coeficientes de qui-quadrado significativo para as perguntas, a partir daqui os gráficos de mosaico para cada questão e índice mostrarão as categorias que apresentam coeficientes estatisticamente significativos. Quanto maior o qui-quadrado, maior deve ser o número de categorias com resíduos significativos. A figura 7 a seguir mostra os cruzamentos entre posição social e questões sobre ensino de História. Na questão 3.1 “História é uma matéria escolar e nada mais”, os respondentes com tendência liberal concentram-se entre concordo e concordo totalmente. Já os de tendência socialista tendem a não estar nas categorias concordo e concordo totalmente. Mas a questão que apresentou maior número de categorias com significância estatística foi mesmo a q3.4: “história é algo que já passou e não tem nada a ver com minha vida”. Nela, respondentes com tendência liberal tendem a concordar ou concordar totalmente e com tendência socialista tendem a discordar totalmente. As respostas “nem concorda, nem discorda” foram concentradas em alunos com tendência liberal. Em todas as demais categorias as distribuições não apresentaram significância estatística. Nas outras questões o padrão se repetiu, com maior número de respostas sem significância estatística para posição em relação à economia.

Figura 7 – Resíduos padronizados entre posição econômica e respostas sobre ensino de História

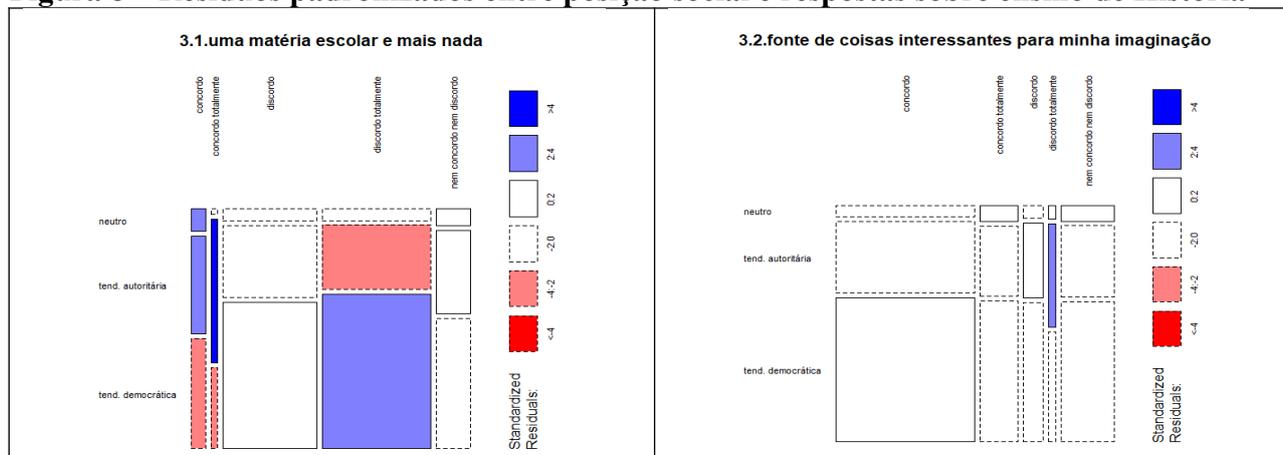


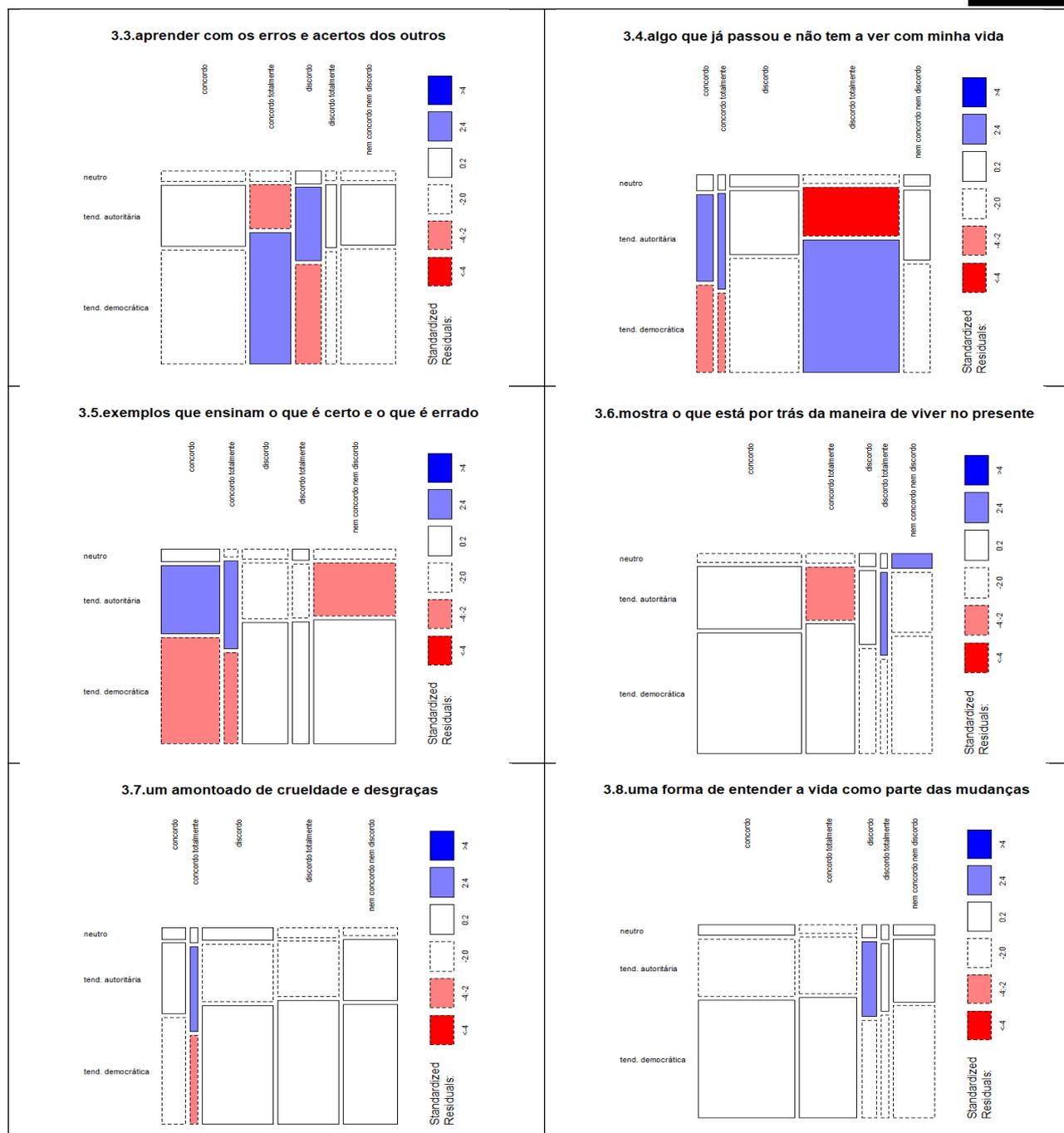


Fonte: dados do Projeto Residente organizados pelos autores, 2019.

A relação entre categorias de respostas sobre ensino de História e índice social, que indica posição democrática ou autoritária, apresenta um número maior de resíduos com significância estatística que o índice anterior. A começar pela questão 3.1 “história é uma matéria escolar e nada mais”, onde respondentes com tendência democrática tendem a discordar totalmente e os com tendência autoritária tendem a concordar totalmente. Na questão 3.3 “história permite aprender com erros e acertos dos outros”, respondentes com tendência autoritária concentraram-se na resposta “discordo”, enquanto os democratas ficaram em “concordo totalmente”. A q.3.4 “história é algo que já passou e não tem nada a ver com minha vida” foi a que apresentou o maior coeficiente qui-quadrado. Nela tenderam a concordar ou concordar totalmente alunos com tendência autoritária e discordar totalmente aqueles com tendência democrática. Nos demais casos as diferenças de médias não foram estatisticamente significativas.

Figura 8 – Resíduos padronizados entre posição social e respostas sobre ensino de História





Fonte: dados do Projeto Residente organizados pelos autores, 2019.

As descrições univariadas e bivariadas realizadas neste tópico mostraram que existe consistência na bateria de questões sobre ensino de História. Além disso, também indicaram consistência na caracterização dos respondentes. Alunos que tendem a ser liberais, também são mais autoritários e alunos com tendência socialista, tendem a ser democratas. A análise bivariada dos índices com as respostas às questões também mostrou consistência estatística para alguns casos. Quando apresentam características de defesa da democracia, respondentes tendem a considerar o ensino de História importante para a formação deles. Já os respondentes com tendência autoritária concentram-se em respostas que indicam pouca importância para o ensino de História.

Perspectivas

O presente estudo é limitado por dois fatores, um referente ao universo pesquisado não ser representativo pelos questionários respondidos. Outro, referente ao método. Em primeiro lugar, trata-se de uma amostra não representativa, ou seja, que não permite estabelecer uma relação com o universo de jovens em idade escolar relativa ao Ensino Médio do tipo que traça estatisticamente margens de erro. Por outro lado, é uma amostra extensa e distribuída no território nacional, o que permite afirmar que os resultados se referem a uma parte da juventude matriculada no ensino médio. No que tange ao método, trabalhamos com a distribuição de respostas e formação de índices que apontam tendências a partir de médias sobre a opinião dos sujeitos investigados, porém a realidade das atitudes políticas é mais complexa e tem a ver com os contextos em que se desenvolve e a interação específica entre os agentes. Portanto, não há nenhuma pretensão de definir, por esta pesquisa, a essência política dos sujeitos, mas apenas coletar determinadas tendências de quando a coleta foi feita, que, neste caso, se referiu aos primeiros meses do governo Bolsonaro⁷.

Considerados os limitadores deste estudo, foi possível demonstrar e afirmar que a valorização da história, a partir das respostas obtidas, está mais fortemente relacionada a posturas políticas chamadas “progressistas”, ou seja, que afirmam a validade e a importância dos processos democráticos em contraposição ao gerenciamento autoritário das questões públicas, associado ao entendimento de que os interesses coletivos ou públicos se sobrepõem, em termos de prioridade, aos interesses individuais ou privados. Este é um dado importante do estado atual da socialização histórico-política dos jovens brasileiros participantes da pesquisa, e um resultado a ser considerado ao pensar no universo estatístico do qual essa amostra não representativa foi destacada.

Conforme já se afirmou ao longo do texto, esta socialização resulta do conjunto entre as mensagens recebidas e processadas pelos sujeitos, provenientes tanto da educação escolar quanto de fontes não-escolares, como os noticiários, redes sociais, influenciadores digitais, candidatos, partidos e movimentos políticos, entre outros. Se assumirmos que há um esforço em curso - sobretudo nos meios não-escolares e ao menos desde 2013 - para a promoção de uma mudança na cultura política de modo a ampliar a influência de teses políticas e sociais mais liberais e autoritárias (sendo estes dois aspectos mais ou menos relacionados entre si conforme o sujeito político selecionado), é possível afirmar que essa influência ainda é minoritária, e não tem produzido um repúdio expressivo à história e ao ensino escolar de história. Como não temos estudos anteriores,

7 Esse período foi marcado pela situação de ofensiva praticamente sem resistência por parte de um projeto economicamente liberal na economia e de direita e extrema direita nos aspectos políticos e sociais. A aliança então vigente entre os setores de direita e extrema direita e a debilidade da oposição de esquerda marcaram, entre outras características, o período.

não há como estabelecer o sentido do movimento neste campo, ou seja, se estes esforços têm tido pouco resultado ou se, pelo contrário, já promoveram mudanças expressivas.

Por fim, os resultados não significam adesão nominal a posições ditas progressistas. É possível considerar, inclusive, que muitos dos estudantes rejeitassem a caracterização política que lhes foi atribuída com base em suas respostas sobre política, economia e sociedade, considerado o quadro de polarização e crispação política em que os dados foram coletados. Um jovem que se identifica como de direita, por exemplo, pode se surpreender ao ver-se em um quadrante de esquerda no gráfico apresentado; na verdade, a autoidentificação à direita não é incompatível com concordar com diversos posicionamentos que tradicionalmente são identificados como de esquerda. No contexto mencionado, ser de “esquerda” ou de “direita” não passa somente pela soma dos posicionamentos quanto a questões específicas, mas por uma identificação afetiva, de grupos, ou uma ideologia baseada em identidade (oposta a uma ideologia baseada em posições) conforme relata Mason (2018). Isso pode ser um fator para explicar a validade concomitante dos resultados deste estudo e também da percepção dos educadores sobre a disseminação das identidades de direita e autoritárias entre os jovens estudantes do Ensino Médio, sobretudo do sexo masculino.

Isto posto, o aprofundamento deste tipo de análise, seja considerando outras variáveis como sexo, seja buscando outros componentes explicativos que colaborem para a explicação das posições assumidas pelos estudantes, é uma necessidade para análises futuras.

Referências

- ALMOND, Gabriel; VERBA, Sidney. *The Civic Culture: Political Attitudes and Democracy in Five Nations*. 3ª ed. Londres: SAGE Publications, 1989.
- BAROM, Wilian Carlos Cipriani. As publicações do projeto Jovens e a História (2007–2014): Metodologia, conceitos, temáticas, abordagens e algumas conclusões. *História & Ensino*, v. 22, n. 1, p. 71-90, 2016.
- BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. 3ª reimp. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1995.
- MASON, Lilliana. Ideologues without issues: The polarizing consequences of ideological identities. *Public Opinion Quarterly*, v. 82, n. S1, p. 866-887, 2018.
- MIGUEL, Luis Felipe. A reemergência da direita brasileira. In: E. Solano (Org.). *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, p.117, 2018.
- MITCHELL, Brian Patrick. *Eight ways to run the country. A new and revealing look at left and right*. Westport: Praeger, 2007.

CERRI, Luis Fernando; CERVI, Emerson Urizzi. Socialização histórico-política de jovens brasileiros: existe relação entre concepções de História e posicionamento político?

RÜSEN, Jörn. *História Viva. Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico*. 1ª ed. Brasília: Editora da UnB, 2007.

SWEDLOW, Brendam. Political Culture. In: CLAEYS, Gregory (Org.). *Encyclopedia of Modern Political Thought*. CQ Press, p.624–625, 2012.

VON BORRIES, Bodo. Intentions, Results and Reception of the “Youth and History” Project (1995). In: RATHKOLB, Oliver. (Org.). *How to (Re)Write European History. History and text books in retrospect*. Innsbruck: StudienVerlag, p.151–177, 2010.